



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

TÁSSIA CHAGAS SPÍNOLA

**ANA MARIA MACHADO: OS ENREDOS DAS SUAS
HISTÓRIAS**

Salvador
2009

TÁSSIA CHAGAS SPÍNOLA

**ANA MARIA MACHADO: OS ENREDOS DAS SUAS
HISTÓRIAS**

Monografia apresentada ao Colegiado do curso de Graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia, sob orientação da Professora Dr^a Lícia Maria Freire Beltrão, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Salvador
2009

TÁSSIA CHAGAS SPÍNOLA

**ANA MARIA MACHADO: OS ENREDOS DAS SUAS
HISTÓRIAS**

Monografia apresentada ao Colegiado de Pedagogia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Graduada em Pedagogia, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Banca Examinadora

Prof^a Luciene Souza Santos

Prof^o Luiz Felipe Santos Perret Serpa

Prof^a Lícia Maria Freire Beltrão - Orientadora

A Deus, que me fortalece, guia, ilumina, sempre dando-me força para continuar a caminhada;

a meus pais, Luis e Ludervinda, e aos meu irmãos, Ana Paula e Luis Inácio, pelo companheirismo e lealdade;

à Profª Lícia Beltrão, pelo auxílio, carinho, competência e comprometimento;

aos professores da banca examinadora, Luciene Souza Santos e Luiz Felipe Santos Perret Serpa, pela disponibilidade e participação,

meus agradecimentos.

O onírico, o fantástico, o imaginário
deixaram de ser vistos como pura fantasia,
para serem pressentidos como portas que
abrem para verdades humanas ocultas.

NELLY NOVAES COELHO, 2008

RESUMO

Este estudo monográfico visa à análise do enredo de quatro histórias de Ana Maria Machado, tomando como embasamento a pesquisa bibliográfica de autores que representam a Literatura Infantil, escrevendo sobre ela e produzindo-a, entre eles a própria Ana Maria. Foram escolhidos dois livros da década de 70 e dois da década de 80, começando a partir de sua primeira produção infantil “Bento-que-bento-é-o-frade”. Os enredos foram analisados na perspectiva da leitura polissêmica (Orlandi) e de uma tipologia de enredos proposto por Massarani. Foram levadas em consideração as características dos personagens e as tramas desenvolvidas, bem como a análise de outros autores sobre as obras estudadas. A tensão da pesquisa foi desencadeada pela história Menina Bonita do Laço de Fita e as diferentes leituras sobre ela, uma vez que é considerada por alguns professores, como adequada para atender ao que está disposto na Lei nº. 10.639. Os resultados mostram que uma história pode possuir múltiplas facetas, que são desvendadas a cada leitura por inúmeros olhares de leitores que convergem, divergem e descobrem a partir da análise de mundo que traz consigo algum significado na arte interpretada. Toda Literatura é a interpretação do que a sociedade vive ou de um ideal que se quer alcançar, seja por um sonho possível, seja por um sonho impossível, e os livros de Machado estudados neste trabalho, por meio dos enredos caracterizados, encena os seres humanos, por uma perspectiva “inovadora”, fazendo-os representados por personagens e mundos que rompem com os padrões socialmente estabelecidos de seres “dóceis”, bem comportados e conformados.

Palavras-chaves: Literatura Infantil, Ana Maria Machado, enredo

SUMÁRIO

1- O COMEÇO	8
2- ANA MARIA MACHADO E SUAS HISTÓRIAS	15
3- AS HISTÓRIAS EM ESTUDO: ENREDOS E TEMATIZAÇÃO	20
3.1 - Bento-que-bento-é-o-frade (1977): Vamos conhecer a história?.....	21
3.1.1. Em busca do enredo contido	25
3.2- História meio ao contrário (1979): Vamos conhecer a história?.....	27
3.2.1 Em busca do enredo contido	32
3.3- O elefantinho malcriado (1980): Vamos conhecer a história?	36
3.3.1 Em busca do enredo contido	38
3.4- Bisa Bia Bisa Bel (1982): Vamos conhecer a história?.....	40
3.4.1 Em busca do enredo contido	43
4- ENFIM.....	45
REFERÊNCIAS:	48

1- O COMEÇO

Leitura, literatura, hábito de ler, livros... Foi assim que começou o meu encanto por histórias e pela Literatura Infantil, quando em 2006 iniciei um estágio na Biblioteca Pe. Gino Raísa, do Colégio Antônio Vieira, fazendo reconto das histórias infantis e planejando atividades voltadas para o fomento da leitura, para estudantes de 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental. Eram atividades planejadas com histórias voltadas para a faixa etária de cada turma. Com os alunos da 1ª, 2ª e 3ª séries fazíamos atividades diversas. Hora do conto: com o livro, sem o livro, com o livro escaneado, através de apresentações em *power point*, só com as imagens do livro, só com o texto do livro; atividades de ambientação no espaço da biblioteca; atividades de pesquisa; vinculávamos aos projetos de português; promovíamos momentos que os alunos realizassem produções para a feira do livro e atividades com participação deles. Com os alunos da 4ª série, normalmente, eram atividades que tinham como objetivo estabelecer um vínculo com as disciplinas que estavam sendo estudadas em sala de aula (Projeto Monteiro Lobato e Olhares do Nordeste), por meio de atividades de pesquisa e hora do conto.

Pronto! Esse foi o passo inicial para que pudesse, entre as prateleiras, conhecer diversos autores e livros, me interessando a cada momento por literatura. De Salmo Dansa e Letícia Dansa, “O Segredo da Lagartixa”, a Jonas Ribeiro, “Faniquito e Siricutico no Mosquito”, de Ziraldo, “A Bela Borboleta”, a Maurício Veneza, “Meia palavra não basta”, de Ruth Rocha, “Marcelo marmelo martelo”, à Mabel Velloso, “Barrinho”, de Jorge de Sá, “O rei zangado e a rainha furibunda”, à Clarice Llewellyn, “Falou comigo?”, de Fernanda Lopes de Almeida e Alcy Limares, “Pinote, o fracote e Janjão, o fortão”, à Marina Monterio Cardoso, “A bruxa que roubou o sol”, de Terezinha Alvarenga, “O casamento do leão”, a Luís Augusto, “Coleção Fala Menino”, de Ana Maria Machado, “Dia de chuva”, a Millôr Fernandes, “A causa da chuva”, de Patativa do Assaré, “O burro”, à Cecília Meireles, “Retrato”, de Vinícius de Moraes, “A foca”, aos Irmãos Grimm, “Branca de neve e os sete anões”...

Da infância, tenho poucas ou mesmo raríssimas lembranças de livros ou leituras prazerosas, mas por meio dessa experiência nasceu essa paixão que hoje é tão presente na minha vida.

No semestre 2006.2, cursando a Disciplina EDC 306 - Leitura e Produção de Texto, ministrada pela docente Lícia Beltrão, esse desejo por literatura só veio a aflorar ainda mais, com a leitura do livro “A Bela Borboleta” de Ziraldo e com as belas e riquíssimas borboletas que a docente nos oferecia. A partir daí, procurei ler mais livros de literatura e sobre literatura e tinha absoluta certeza de que desenvolveria a monografia nessa área.

Em 2009, voltei a procurar a professora para começar a escrever meu trabalho de conclusão de curso, e nunca esqueço quando Lícia me perguntou o que tinha acontecido com aquela menina de farda do Antônio Vieira. No momento, apenas ri e balancei a cabeça, pois sabia do que estava falando, já que a vida havia me empurrado para outro tipo de trabalho.

Quando nos encontramos para conversar sobre a monografia, a docente perguntou se eu conhecia Ana Maria Machado e se tinha interesse de entrar para o grupo de estudo, composto por mais 03 formandas, para estudar Machado e suas histórias. Conhecia um pouco. Já havia lido alguns livros, como : “O domador de monstros”, “Menina bonita do laço de fita”, “O barbeiro e o coronel”, “Dia de chuva” e “Uma boa cantoria”. Com isso, passei a pesquisar sobre a autora e a ler outras histórias. Pronto! Mais uma vez esse foi o passo inicial para me ver novamente apaixonada, mas, dessa vez, por Ana Maria Machado. Passei, então, a me deliciar com os livros da autora e tive o imenso prazer de assistir à apresentação das monografias de Alessandra Oliveira¹ e Iomar de Alcântara², o que proporcionou encantamento e vontade de continuar com o estudo. Desta vez, analisando e dialogando com o enredo de suas histórias.

Através da biblioteca pessoal de Lícia, tive acesso aos seguintes livros de Machado: “Besouro e Prata”, “Procura-se lobo”, “O elefantinho malcriado”, “Vamos brincar de escola?”, “Que lembrança!”, “A grande aventura de Maria Fumaça”, “História meio ao contrário”, “Isso ninguém me tira”, “Menina bonita do laço de fita”,

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado na UFBA/Faculdade de Educação. Intitulado: Ana Maria Machado: Os meninos que moram em suas obras.

² Trabalho de conclusão de curso, apresentado na UFBA/Faculdade de Educação. Intitulado: Ana Maria Machado: As meninas que moram em suas obras.

“Bisa Bia Bisa Bel”, “Bento-que-bento-é-o-frade”, “Gente bem diferente”, “De carta em carta”, “Dia de chuva” e “Um herói fanfarrão e sua mãe bem valente”.

Ah, Menina bonita do laço de fita!!! Essa foi e está sendo a norteadora deste trabalho, a menina dos olhos de Tássia. É e está sendo o ponta pé inicial, o começo. Essa história encantadora tem levantado muitas indagações, pois as interpretações realizadas nos dias atuais estão de certa forma reduzindo a belíssima história, em um simples cumprimento de determinações legais. Como resposta ao trabalho de obras com conteúdos possíveis de se abordar a história e cultura afro-brasileira nas escolas, como resposta a uma determinação instituída pela Lei de nº. 10.639.

A relação do livro, com o combate ao racismo e a valorização do negro, é uma das reflexões feitas pelas autoras do artigo “Descobrimo as meninas Bonitas dos Laços de Fitas: Uma experiência Docente”. As autoras também falam da beleza do texto, quando Machado, através da descrição da menina bonita do laço de fita e do coelho branco, encanta o leitor e o entrelaça na história, fazendo-o viajar e através dela elaborar respostas para o segredo de ser tão pretinha,

Ana Maria Machado, no texto Menina Bonita do Laço de Fita, consegue dar autonomia a seus personagens, de modo que o leitor se entrelaça neles vivenciando cada parte do enredo como se fosse sua realidade infantil (Fontana e Silva, 2005, p. 180)

Oferece possibilidades à criança de aprender a relacionar a história com o mundo, elaborar significados e de múltiplas maneiras, inúmeras interpretações.

Machado conta como o livro foi produzido e, a partir de que se deu a construção da história, desmistificando a relação estreita da história com preconceito e com o cumprimento da Lei de nº. 10.639. Fala que foi a partir de uma brincadeira que fazia com sua filha recém-nascida, Luísa, que era muito branquinha, pois o seu pai era de ascendência italiana. Ao Luisa nascer, ganhou um coelhinho branco de pelúcia e não tinha muito cabelo, mas Machado a enfeitava com um laço de fita. Os dois outros filhos, Rodrigo e Pedro, eram mais morenos e assim iam os três perguntando “Menina bonita do laço de fita, qual o segredo para ser tão branquinha?” e inventando as possíveis respostas,

é por que caí no leite, porque comi arroz demais, porque me pinte com giz etc. No fim, outra voz, mais grossa dizia algo do tipo: “Não, nada disso, foi uma avó italiana que deu carne e osso para ela...” Os irmãos riam muito, ela ria, era divertido.³

E quando resolveu transformar a história em livro só fez uma adaptação à realidade brasileira,

O tema de uma menina linda e loura, ou da Branca de Neve, já estava gasto demais. E nem tem nada a ver com a realidade do Brasil. Então a transformei numa pretinha, e fiz as mudanças necessárias: a tinta preta, as jabuticabas, o café, o feijão preto etc.⁴

Com isso, torna-se óbvio que as leituras realizadas sobre essa história estão direcionando-a para assuntos em específico do qual o livro não veio intencionalmente tratar, compondo um cenário cheio de interpretações. Cenário amplo por ser capaz de propor e possibilitar leituras diferentes em um mesmo momento histórico, assim como perpetuação de interpretações intencionais na qual o leitor apenas apreende o que já foi dito por alguém em algum lugar (lugar, aqui entendido como qualquer meio de comunicação: revista, livro, escola, casa etc), sendo possível caracterizá-las como leituras parafrásticas ou polissêmicas. Segundo Orlandi (1996), a leitura parafrástica se define como uma leitura que mantém o mesmo sentido, reproduzindo e afirmando o que já foi falado, já a leitura polissêmica produz uma ruptura através do conhecimento já estruturado, produzindo um novo conceito, viabilizando a construção de um novo cenário, a partir de um cenário já “construído”. O leitor, ao realizar a leitura parafrástica, mantém as práticas intencionais, que levam ao reducionismo da obra, se a partir dela não articular as velhas informações as novas e elaborar outras interpretações, passando-se da posição de mera repetição para a de criação. Sobre esse processo, Orlandi (1993) traz um conceito interessante:

A produtividade se dá pela obtenção de elementos variados através de operações que são sempre as mesmas, que incidem recorrentemente e que, dessa forma, procuram manter o dizível no mesmo espaço do que já está instituído (o legítimo, a paráfrase); a criatividade instaura o diferente na linguagem na medida em que o uso pode romper com o processo de produção dominante de sentidos e, na tensão da relação com o texto histórico-social, pode

³ Informação pesquisada no site de Ana Maria Macahdo: anamariamachado.com.br

⁴ Informação pesquisada no site de Ana Maria Machado: anamariamachado.com.br

criar novas formas, novos sentidos. Pode realizar uma ruptura, um deslocamento em relação ao dizível. (p.20)

O professor, ao utilizar um livro para trabalhar um assunto, deve ter claro esses dois processos para não apresentar a história de modo restrito ao tema escolhido, pois isso impossibilita, ou até mesmo impede as várias leituras que os alunos poderão realizar, esvaziando, assim, o texto, desconsiderando a riqueza de idéias contidas. Promovendo somente a leitura parafrástica, interrompendo o processo de criação, permanecendo apenas nos mais variados processos de produção, matando o texto e não o ressignificando, mas reproduzindo sempre a mesma idéia. Oliveira (2008) traz outra análise do livro *Menina bonita do laço de fita*:

Valoriza a imaginação e a criatividade da criança. Ao responder as perguntas do coelho que queria saber o segredo para ser pretinho, a menina diz: “porque eu caí na tinta quando pequenina”; “porque eu tomei café quando era pequenina”; “porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina”, e assim por diante fazendo uso da sua **imaginação criativa** (p.162).

Recheia a história com o que ela tem de mais valioso que é a criatividade e imaginação da criança, ao lidar com situações novas e de imediato solucionar provisoriamente, através do que acredita, as inquietações do coelho, de uma maneira divertida e sábia, ao relacionar a cor da sua pele com coisas, situações e com seu contexto. O fato de se trabalhar o preconceito racial não quer dizer que a história só poderá ser lida na perspectiva desse sentido, mas sim, que deve explorar outras características através de outras leituras que são tão importantes como a que está sendo realizada nos dias atuais.

Valorizar um tipo de leitura simplesmente para tratar determinado tema não é uma postura de valorização da leitura e do ato de ler, mas uma desvalorização dos vários tipos de livros que compõem a nossa literatura, a literatura do mundo. Entende-se que outros tipos de leituras são importantes. São necessários novos olhares sobre as novas produções e criações que evitam a “armadilha” pedagógica, (termo usado por Ana Maria Machado no livro *Contracorrente: Conversas sobre leitura e política*, 1999, p.38), que destitui o texto de suas características, esvaziando-o e utilizando-o para alcançar um objetivo didático e cumprir o plano de aula.

A partir desse livro, abriu-se o leque para o estudo de outras histórias da autora, bem como para questões que podem orientar pesquisas. Por que restringir uma história a um determinado período ou como “tapa buraco” para determinações legais? Por que a supervalorização em um espaço de tempo e não a valorização contínua? Por que a valorização de um tipo de leitura em detrimento de outras? Por fim, quais os enredos das histórias de Ana Maria Machado? O que ela tematiza? Quais os assuntos presentes e as possibilidades de aceitação pela criança?

Como não me é possível responder a todas essas questões, neste trabalho, sem perder de vista as demais questões, limito-me a uma: o que as histórias de Ana Maria contam? Ou, dizendo de outra maneira: Quais os enredos das histórias escritas por Ana Maria? Com o apoio de pesquisadores, como Anna Cláudia Ramos, Nelly Novaes Coelho, Eni Orlandi, Maria Alexandre de Oliveira e mais com o argumento de Roland Barthes e, com o debate trazido pela própria Ana Maria Machado, proponho a realização deste estudo, na expectativa de responder à questão, revelando os enredos, as faces existentes em quatro de suas histórias intencionalmente escolhidas e que serão lidas na perspectiva da leitura polissêmica, ampliando os estudos sobre a obra de Ana Maria, já iniciados por Alessandra Oliveira Celestino, Iomar Alcantara e Jeane Gavaza que, atualmente, estuda a semântica em quatro histórias de Ana Maria: Camilo, comilão; Dorotéia, a centopeia e Beto, o carneiro.

O embasamento de caráter teórico será constituído por pesquisa bibliográfica, dando-se ênfase ao que Massarani⁵ discute sobre tipologia de enredo. O objeto de estudo específico será a obra de Ana Maria, representada por quatro livros intencionalmente escolhidos, considerando-se as décadas nas quais sua literatura aparece no cenário nacional: 70 e 80, o livro Menina bonita do laço de fita; Bento-que-bento-é-o-frade; História meio ao contrário; O elefantinho malcriado; Bisa Bia, Bisa Bel. A análise das histórias lidas foram feitas com o auxílio do debate de Massarani e lidas na perspectiva da leitura polissêmica tratada por Orlandi. As escritas que resultam do estudo feito estão aqui dispostas em capítulos.

No primeiro capítulo, este que está sendo lido, abordei a motivação que me levou a escrever sobre o enredo das histórias de Ana Maria Machado, a curiosidade

⁵ Sandro Massarani é professor de história e pesquisador. Graduado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, estuda as estruturas das narrativas.

pela sua escrita, a metodologia utilizada para a construção deste trabalho e uma pequena explanação da repercussão do livro “Menina bonita do laço de fita” e algumas interpretações sobre a história.

No segundo capítulo, apresentarei a autora, Ana Maria Machado, e suas histórias, de uma maneira geral, destacando os pontos relevantes para este estudo.

No terceiro capítulo, tratarei dos livros escolhidos para a construção deste trabalho, na perspectiva do enredo, logo tratando do objetivo específico para responder à questão. Os livros escolhidos são: História meio ao contrário, Bento-que-bento-é-o-frade, Bisa Bia Bisa Bel, O elefantinho malcriado.

Por fim, no quarto capítulo, trarei considerações que serão finais sobre o estudo realizado e suas contribuições, mensurando-as qualitativamente.

2- ANA MARIA MACHADO E SUAS HISTÓRIAS

Ana Maria Machado? Suas histórias? Bem venho escrever um pouco sobre essa escritora. Escritora que está norteando este trabalho de conclusão de curso, enriquecendo e amadurecendo meu campo de conhecimento.

Dialogando com a própria Ana Maria, em seu livro *Esta força estranha* (1996), conheço o era uma vez de sua história. Assim é que posso contar que.... Era uma vez uma menina chamada, Ana Maria Machado, nascida no Rio de Janeiro, em 24 de dezembro de 1941, portanto genuinamente carioca e da gema. Nasceu e cresceu em uma família que lhe proporcionou contato com a literatura, cinema, pintura, música (arte em geral). Através desse contato, passou do hábito de leitura à paixão de ler. Deliciava-se com as histórias de Monteiro Lobato (primeiro contato foi com *Reinações de Narizinho*), Olavo Bilac, Lídia Besouchet, Mark Twain, Érico Veríssimo, aos clássicos, com Andersen, os irmãos Grimm, Perrault.

Com menos de cinco anos de idade, espantou sua mãe, imagine só, a tal menina aprendeu a ler sozinha. Sua professora havia mandado um aviso para os pais informando qual seria a cor do papel para a fantasia. Ana leu o bilhete e contestou. Disse que queria que a sua fantasia fosse amarela, ela seria na pecinha uma flor, mas queria ser uma flor amarela.

O tempo passou, a menina cresceu, virou mulher, muitas transformações aconteceram, mas o que realmente permaneceu cada vez mais sólido e latente foi o seu interesse por literatura. Fez vestibular para geografia, cursou menos de um ano e acabou trancando a matrícula. Foi para Nova York e fez o curso de pintura e de história da arte. Graduiu-se em letras neolatinas e, por muitos anos, foi professora de colégios e universidades.

Diante das idas e vindas e atividades variadas, cada vez mais envolvida com os acontecimentos da ditadura, Ana, em 1969, foi presa, sendo forçada a partir para um exílio. Retornando ao Brasil no final de 1972.

Em 1968, recebeu uma ligação da Editora Abril, convidando-a para escrever histórias para crianças, na Revista *Recreio*. No primeiro instante hesitou e disse que a estavam confundindo com Maria Clara Machado, mas estavam à procura dela

mesmo. Foi informada que Ruth Rocha e Joel Rufino também iriam participar do projeto, que seria editado por uma amiga, Sônia Robatto. Esse elenco fez com que ela aceitasse o convite, apesar do desafio, já que nunca tinha escrito para crianças.

Para escrever, recorreu à sua memória e à de sua mãe. Quando pequena, ouvia sem cansar as mais variadas histórias inventadas por sua avó Ritinha (mãe de sua mãe). As histórias da avó Ritinha contavam as aventuras de Miguelzinho. Esse personagem vivia as mesmas aventuras que a menina Ana Maria vivia, ao ir passar as férias na casa de seus avós, em Manguinhos (Vitória), por isso nunca se cansava e, a cada nova história, se envolvia nas aventuras de Miguelzinho, que na verdade eram as aventuras de Ana Maria. Assim se inspirou nessas recordações para escrever. Entre os títulos das histórias escritas para a Revista Recreio, estão Severino faz chover e Currupaco papaco e Camilão, o comilão. Junto com Ruth Rocha, Joel Rufino e Sônia Robatto, as edições da revista Recreio foram um sucesso, traziam histórias infantis tipicamente brasileiras que envolviam crianças e adultos.

Essas histórias resultaram, em 1977, no seu primeiro livro infantil Bento-que-bento-é-o-frade. Porém seu primeiro livro foi para adultos "Recado do Nome - 1976". Foi também jornalista, radialista, fundou uma livraria (Malasartes), na qual trabalhou por dezessete anos. Ganhou vários prêmios entre eles, João de Barro (1978), com História meio ao contrário. Também ganhou um dos mais importantes, prêmio Nobel da literatura infantil mundial, Hans Christian Andersen (2000). Em 2001, pela Academia de Letras, ganhou o prêmio Machado de Assis, pela totalidade de suas histórias. Em 2003, foi eleita para ocupar a cadeira número um da Academia Brasileira de Letras.

Seu percurso profissional sempre esteve atrelado à sua vida pessoal, pois não dá para separar a escritora da pessoa, essa característica dá uma especificidade e toque especial aos seus livros, por isso são sempre atuais e cheios de significados, perpassando as fronteiras do tempo e o acompanhando. Suas histórias sempre cheias de rimas e ritmo. Tratam do cotidiano infantil (descobertas, medos, fantasias, curiosidades...), aborda os problemas sócio-políticos, entrelaça as histórias clássicas de uma forma espontânea, resgata brincadeiras e cantigas da nossa cultura popular, informa, comunica. Cria estratégias para que seu leitor reflita sobre o livro e o relacione com o mundo.

Imbuída no mundo da literatura, fez e faz dela parte da sua vida:

...escrever para mim é um vôo cego, não sei para onde vou nem por onde. Mas sei que vou. Posso ficar longas temporadas sem idéias aproveitáveis, mas sei que em algum ponto elas estão se acumulando, lençol d'água subterrâneo, que um belo dia vão minar, surgir em nascente, se encorpar e se avolumar – é só ir trabalhando e deixar desobstruído um leito por onde corram. Então, na própria prática, vai tudo fluindo e se arrumando. É como se estivesse dançando ao som de uma música que nunca ouvi antes, mas tem sua lógica interna que permite segui-la, se meu corpo estiver em forma para dançar. Ou, em comparação de menina prairieira, é como se descesse numa onda: tenho que observar o bom momento, descobrir o ponto exato de arrebentação, me antecipar ao instante em que ela enche, soltar o corpo e me deixar levar, sempre atenta para corrigir o rumo se necessário e possível, mas sem querer dominar o impulso do mar. Ele é muito maior do que eu. O segredo está em aproveitar a força que me arrasta, me fazer humilde diante dela, usar seus caprichos para prolongar o prazer da descida até a praia. E, se falhar e eu for embrulhada, não desistir – depois que passar aquele tremor barulhento que parece destruir tudo, há que voltar à tona, respirar, e nadar outra vez para o fundo, à espera de novo impulso. (MACHADO, 1996, p. 69 – 70)

É ao som de uma melodia, ou numa descida de uma onda, que Ana Maria Machado continua sua trajetória na Literatura. Escrevendo Literatura e sobre Literatura, contribuindo para formação social infanto-juvenil e “adultil”, com os seguintes livros: Bento-que-bento-é-o-frade (1977), Camilão, o comilão (1977), Currupaco papaco (1977), Severino faz chover (1977), Historia meio ao contrário (1979), O menino Pedro e seu boi voador (1979), Raul de ferrugem azul (1979), As grandes aventuras de Maria Fumaça (1980), Balas, bombons, caramelos (1980), O elefantinho malcriado (1980), Bem do seu tamanho (1980), Do outro lado tem segredos (1980), Era uma vez três (1980), O gato do mato e o cachorro do morro (1980), O natal de Manoel (1980), Série Conte outra vez (O domador de monstros, Uma boa cantoria, Ah, cambaxirra, se eu pudesse..., O barbeiro e o coronel, Pimenta no cocuruto (1980-81), De olho nas penas (1981), Palavras, palavrinhas, palavrões (1981), História de jaboti sabido com macaco metido (1981), Bisa Bia, Bisa Bel (1982), Era uma vez um tirano (1982), Um avião, uma viola (1982), hoje tem espetáculo (1983), Série Mico Maneco (Cabe na mala, Tatu bobo, Menino Poti, Uma gota de mágica, Pena de pato e de tico-tico, Fome danada, Boladas e amigos, O tesouro da raposa, O barraco do carrapato, O rato roeu a roupa, Uma arara e sete

papagaios, A zabumba do quati, Banho sem chuva, O palhaço espalhafato, No imenso do mar azul, Um dragão no piquenique, Troca-troca, Surpresa na sombra, Com prazer e alegria (1983-88)), Passarinho me contou (1983), Praga de unicórnio (1983), Alguns medos e seus segredos (1984), gente, bicho, planta: mundo se encanta (1984), Mandingas da ilha quilomba (1984), O menino que espiava pra dentro (1984), A jararaca, a perereca e a tiririca (1985), Pavão do abre-e-fecha (1985), Quem perde ganha (1985), A velhinha maluquete (1986), Menina bonita do laço de fita (1986), O canto da praça (1986), Peleja (1986), Série filhote (Lugar nenhum, Brincadeira de sombra, Eu era um dragão (1987)), Série moleque (A galinha que criava um ratinho, Besouro e prata, A arara e o guaraná, Avental que o vento leva (1987)), Uma vontade Louca (1990), Mistérios do mar oceano (1992), Na praia e no luar (1992), Vira-vira (1992), Série adivinhe só (O que é?, Manos malucos I e II, Piadinhas Infames (1993)), Dedo mindinho (1993), Um natal que não termina (1993), Um herói fanfarrão e sua mãe bem valente (1994), O gato Massamê e aquilo que ele vê (1994), Exploration into Latin América (1994), De fora da arca (1994), Isso ninguém me tira (1994), Coleção Batutinha (Jeca o tatu, Beto o carneiro, Dorotéia a centopéia, A velha misteriosa, Severino faz chover, Camilão o comilão, Quenco o pato (1993-1994)), O touro da língua de ouro (1995), Uma noite sem igual (1995), Gente como a gente (1996), Beijos mágicos (1996), Do outro mundo (2002), Procura-se lobo (2005),

Para os adultos escreveu: Recado do nome (1976), Alice e Ulisses (1983), Tropical sol da liberdade (1988), Canteiro de Saturno (1991), Aos quatro ventos (1993), O mar nunca transborda (1995), Esta força estranha (1996), Contracorrente: conversas sobre leitura e política (1999), Texturas sobre leituras e escritos (2001), Como e por que ler os clássicos universais desde cedo (2002).

Possui também vários livros traduzidos: Maia, lista de honra (1982), Peter Pan (1992), Lineia no jardim de Monet (1992), O jardim secreto (1993), Série mitos e lendas (1992-1995), Que sexta-feira mais pirada! (1994), Uma história de Natal (1995).

Com mais de cem livros, Machado é um ícone para a literatura, não pela quantidade, mas pela qualidade literária e estética de sua obra. São histórias vivas que acolhem o leitor, passando a fazer parte de suas vidas, proporcionando consolo, inquietações, afirmações, ou seja, diálogos. Barthes diz que:

A literatura assume muitos saberes. Num romance como *Robinson Crusoé*, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza a cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real (2007, p. 17-18)

É com essa responsabilidade de compor uma obra literária, que agrega e produz saberes que Ana Maria Machado traça a sua obra de arte. Fazendo Literatura, literatura que reúne o real e, através dele, possibilita que o leitor se indague, se estranhe, se visualize. Literatura que produz muito mais perguntas do que respostas.

3- AS HISTÓRIAS EM ESTUDO: ENREDOS E TEMATIZAÇÃO

Neste capítulo, trato do enredo de quatro livros de Ana Maria Machado. Tematizando os acontecimentos e fatos, dialogando com Massarani⁶, para caracterizar os tipos de enredos presentes nas histórias estudadas neste trabalho. Os livros serão: Bento-que-bento-e-o-frade (1977), História meio ao contrário (1979), O elefantinho malcriado (1980) e Bisa Bia Bisa Bel (1982).

Início com as considerações de Massarani sobre enredo. Uma história é composta por ações baseadas em experiências humanas. Por isso os enredos se repetem, e o que faz a diferença de escritor para escritor, é a maneira como irá desenvolver a história, qual a ênfase que será dada aos acontecimentos e como estes irão ser desenvolvidos, “O que o grande escritor faz é pegar um ou mais desses tipos de enredos e articulá-los e desenvolvê-los de maneira interessante e/ou impactante. É a famosa máxima do roteiro: “me dê o mesmo... só que diferente”” (Massarani, 2009). Massarani caracteriza 11 tipos de enredo: A jornada; A busca/resgate; A fuga/a perseguição; A aventura; A vingança; O amor; O isolado; O poder/o desejo/ascensão e queda; O underdog; Luta contra o sistema; Transformação/maturidade.

Esses tipos de enredo dão suporte ao assunto que será tematizado na história bem como a maneira como a trama será desenvolvida, em torno de que irá girar a história: de um amor impossível/possível, de uma vitória, de mudança de status, de uma busca por algo ou alguém, de resgate aos valores socialmente construídos, de mudança interior, de vingança, de reconhecimento, de aceitação pelo “diferente”, de luta contra o sistema estabelecido, de amadurecimento interior e exterior.

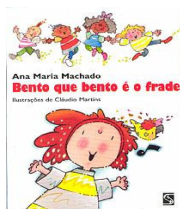
Todo enredo é relacionado com os objetivos dos personagens, são os objetivos traçados para o desenvolvimento da trama que também irão caracterizá-los. De acordo com o dicionário Caldas Aulete (2008, p. 407), enredo é “Linha de ação de uma obra de ficção; Intriga; Trama.”, ou seja, linha de ação de uma obra

⁶ O dialogo será com o artigo “Principais tipos de enredo”, publicado na página web <http://www.massarani.com.br/Roteiro.html> no ano de 2009.

com acontecimentos interligados, em determinado espaço e tempo, envolvendo personagens. É exatamente isso que Massarani discute e exemplifica, e será aqui analisado e identificado nos estudos dos enredos das histórias de Ana Maria Machado.

Agora, passo às histórias.

3.1 - Bento-que-bento-é-o-frade (1977): Vamos conhecer a história?



A História Bento-que-bento-é-o-frade conta as aventuras de Nita, uma menina muito curiosa e contestadora, que tem a mania de enxergar o outro lado das coisas, o contrário. E assim brinca com as palavras, modificando as brincadeiras e conceitos já formados.

Todos os dias depois do jantar ela e seus amigos, Zé, Chico, Lucinha e Juca, se reúnem e de longe se ouve:

- Bento-que-Bento-é-o-Frade!
- Frade!
- Na boca do forno!
- Forno!
- Cozinhando bolo!
- Bolo!
- Fareis tudo o que seu mestre mandar?
- Faremos todos!
- E quem não fizer?
- Ganhará um bolo!
- Então cada um imita um bicho sem barulho...(MACHADO, 1986, p. 4)

E lá iam eles, cada um imitando um bicho. Zé imitou um macaco, muito bem bolado, coçando barriga e cabeça, ao mesmo tempo, que fazia os movimentos de um macaco. Logo depois foi o Chico, esse imita um galo, com o peito estufado, bico de galo e batendo os braços. E a Lucinha uma pata, um pouco desengonçada, mas muito esforçada. Quando olharam para a Nita, estava parada sem fazer nada, logo

perguntaram se não estava na brincadeira e o que tinha acontecido que nenhum bicho imitava. Ela riu, e disse que havia imitado vários bichos, queria ver se alguém iria adivinhar:

- Eu ganhei, porque sou a única que está fazendo mesmo tudo o que seu mestre mandou. Estou fazendo um bicho sem barulho. Pensem bem, usem a cabeça. Macaco é um bicho muito barulhento. Vive pulando de galho em galho e guinchando pra lá e pra cá... Assim, ó... (MACHADO, 1986, p.4)

Imitou o macaco, o galo e a pata, justificando o seu argumento. Mas a garotada não aceitou, disse que o ganhador era o Zé e que ela iria ganhar um bolo na mão de brincadeirinha. Nita não concordou, explicando que seu mestre havia mandado fazer um bicho que não fizesse barulho, portanto tinha imitado “eu já estava fazendo bicho-pau, ostra, marisco, cavalo dormindo, urso hibernando, jibóia jiboiando, tartaruga recolhida, tudo isso ao mesmo tempo” (Machado, 1986, p.6). Juca explicou que era para imitar sem barulho e não um bicho que não fizesse barulho. Até que Lucinha resolveu dar fim, continuar a brincadeira com o Zé como mestre.

Todos voltaram a brincar e quando chegaram na parte que respondiam “faremos todos”, saiu uma voz dizendo “fazeremos todos”, mais uma vez era Nita. Zé lembra que eles já sabiam conjugar o verbo e que “fazeremos” era quando não sabiam, mas Nita contesta dizendo que ali não está conjugando verbo algum, que é só uma brincadeira, portanto poderiam falar fazeremos, já que falam “frade” e a brincadeira não é de frade, boca de forno e forno não tem boca, cozinhando bolo e bolo não se cozinha. Continuaram a brincadeira falando “fazeremos todos”. E o mestre Zé mandou “- Então cada um traz três coisas redondas” (Machado, 1986, p.11). Dessa vez veio o Juca com três pedrinhas redondas. A Lucinha com uma bola, uma roda e uma tampa. O Chico com um balão, uma semente redonda e um balde. E a Nita? Ah! deitou-se no chão toda encolhida dizendo ser um tatu-bola, depois apontou para o céu mostrando a lua redonda e linda e por fim apresentou uma latinha com um líquido dentro, com o qual começou a fazer bolinhas de sabão. Divertiram-se entre as bolinhas, mas Juca tratou de deixar claro, que Nita não seria o mestre, pois foi à última a apresentar as coisas. Ela não se importou, queria mesmo era mostrar que é muito melhor trazer coisas inventadas por eles.

Depois começaram outra brincadeira, brincadeira de roda. E em certo momento Nita se afastou, não estava mais brincando, estava pensando em umas coisas. Disse aos seus amigos que não gostava desse manda manda que existia. Todos mandavam, principalmente nas crianças e que estava cansada de obedecer. Resolveu assim sair por aí, para verificar se com as outras pessoas também era assim.

Nita andou até chegar em uma floresta, no mundo dos bonecos de pau. Lá conheceu Prequeté, um boneco que iluminava tudo a sua volta de verde e como ela adorava brincar com as palavras, sempre vendo o outro lado das coisas. Nita ficou amiga de Prequeté. Conheceu os seus irmãos: Prucutu, que iluminava tudo de roxo, Procotó que iluminava tudo de azul, Pracatá e Priquiti, as bonecas de pau, uma iluminava tudo de amarelo e a outra tudo de vermelho. Juntos misturavam as cores, ficando tudo bonito como um arco-íris.

No mundo dos bonecos, a menina descobriu que tudo pode, não havia mandões e cada um fazia o que queria, mesmo sozinho, deixando até as brincadeiras um pouco sem graça. No início Nita se animou, disse que também não gostava de mandões e que estava cheia do não pode. Até que foram escolher de que iam brincar. Cada um disse uma brincadeira e no final ficou resolvido que: “Você brinca de cabra-cega, eu brinco de pique, ela brinca de roda e Priquiti ainda esta pensando.” (Machado, 1986, p.39-40) Nita não entendeu nada, como é que podia brincar de pique, cabra-cega e roda, sozinho? Os bonecos disseram que tudo podia, inclusive brincar de tudo isso sozinho, mas Nita que não é “mole”, foi tratando de contestar e dizer que é preciso conversar e resolver todos juntos do que brincar e já que tudo pode, também podiam sentar, conversar e entrar em um consenso:

- Então está bem. Primeiro, já que estamos parados a muito tempo, podemos brincar de pique.

Prequeté completou a proposta:

- Quando cansarmos, pode ser a vez da cabra-cega.

- E depois – continuou Pracatá – brincamos de roda.

Nesse momento, Priquiti deu também seu palpite:

- E no fim, a minha idéia: em vez de cabra-cega, cabrita teimosa. (MACHADO, 1986, p.41)

Prequeté, Pracatá, Procotó e Prucutú ficaram muito felizes com a idéia de Priquiti e resolveram que iriam brincar logo de cabrita-teimosa. Nita perguntou como

era a brincadeira, pois não conhecia. Prequeté explicou: “– Cada um é um cabrito. Vem correndo para o outro e pumba! Dá uma cabeçada bem na frente com toda a força!” (Machado, 1986, p.41). Ah essa era de mais! A menina achou aquilo um absurdo e mais uma vez, lá vem Nita: “– Tenha paciência, Prequeté, mas isso não pode!” (Machado, 1986, p.42). Assim começou outra discussão, os bonecos dizendo que o que não pode é dizer não pode. Nita dizendo que já que tudo pode, dizer não pode, pode. Que o que não podia eram coisas que fizessem mal a nós e aos outros:

– Estão vendo só: - disse Nita. – agora ela está falando em **mandar**. Ninguém me **mandou** começar, não. Aqui ninguém **manda** em ninguém. Eu comecei porque aquela brincadeira **não podia**. Eu sei que vocês brincam disso há um tempão, mas agora eu estou no meio. E eu sou diferente. Vocês são bonecos, tem cabeça dura, de pau, não dói e não acontece nada. Mas a minha é de gente. Se eu viesse correndo de um lado e Prequeté viesse do outro, e nós déssemos uma cabeçada com toda força, eu desmaiava. Vocês depois iam me visitar no hospital. E não adiantava nada ir cantando “Sambalelê tá doente, tá com a cabeça quebrada...” (MACHADO, 1986, p.45)

Os bonecos pensaram nas palavras de Nita, chegaram a conclusão de que existem coisas que podem e coisas que não podem. Fizeram uma reunião, para juntos decidirem o que pode e o que não pode. Aprenderam com Nita que é necessário sentar, conversar e chegar a um acordo. Nita aprendeu que conversar e discutir é o melhor caminho para resolver as coisas.

A menina despediu-se dos bonecos, continuou a viagem e quando terminou a floresta, viu-se em um campo cheio de adultos e crianças. Todos estavam felizes, trabalhando em uma construção. Um rapaz aproximou-se e cumprimentou-a “- Bom Dia, menina. Quer nos ajudar?” (Machado, 1986, p.48) Respondeu que sim, mas queria saber o que estava acontecendo. O rapaz chamava-se João, ele e sua esposa Zefa, estavam construindo uma casa para morar, e convocaram todos da comunidade para ajudar na construção.

Mas a menina não entendia como poderia trabalhar e fazer festa ao mesmo tempo, estando todos tão satisfeitos. Mané, um dos amigos que estava ajudando o casal, aproximou-se e explicou:

- A, menina, é isso mesmo, mas não é bem isso. O João precisou da gente. Chamou, então a gente veio. Cada um traz suas ferramentas e vai ajudando como pode. Ele convida e faz a festa. Matou um porquinho para o almoço, arrumou umas mandiocas e outras coisas na roça, trouxe umas bebidas. É uma festança boa...” (MACHADO, 1986, p.51-52)

Nita entendeu que todos se ajudavam, que daquela vez era João e Zefa, mas de uma próxima seria outro. E novamente eles iriam se reunir, trabalhariam e se divertiriam ao mesmo tempo. Nita os ajudou no mutirão, quando começou a escurecer, resolver voltar para sua casa, sabia que teria muitas coisas para pensar, pois havia aprendido muito.

Continuou sua caminhada e, de repente, ouviu seus amigos a chamando. Todos ficaram felizes com a volta de Nita “- Estávamos com tanta saudade de você! – Falou Zé.” (Machado, 1986, p.56). Seus amigos contaram que treinaram para ser como ela e na brincadeira Bento-que-bento-é-o-frade, trouxeram coisas inventadas por eles.

Nita nem acreditava, ficou muito contente com os relatos de sua turminha. Contou para eles todas as coisas que tinha aprendido. E no final? Terminaram como começou: “Bento-que-bento-é-o-frade!”

3.1.1. Em busca do enredo contido

O livro Bento-que-bento-é-o-frade discorre sobre as inquietações de uma menina, que não se contenta com as coisas de um jeito só. Sempre em busca de encontrar modos diferentes de tratar as coisas. Através das palavras ela desvenda as várias possibilidades existentes nas nossas ações, seja através de uma brincadeira, seja por meio de um trabalho ou festa.

A partir da imaginação infantil, Nita compreende que as coisas podem ser vistas e analisadas sob uma ótica diferente. Não é porque aprendemos daquele jeito, que terá que ser sempre assim. Machado utiliza muito bem a imaginação da criança, quando leva Nita a conhecer outros mundos, modificando os seus hábitos e os hábitos de outras pessoas.

Ao analisar a história pela perspectiva polissêmica e parafrástica, Nita consegue fazer os dois processos. Apreende um saber construído e a partir desse saber, elabora novos saberes. Isso fica evidente na seguinte passagem do texto:

– É, mas agora eu estou pensando. E sabem de uma coisa: Eu acho que não tem nada demais. Quando eu falo **fazeremos** na hora da brincadeira, não estou conjugando verbo nenhum, estou só brincando. Estou só dizendo umas palavras meio esquisitas que são de brincadeira. Como se fossem umas palavras mágicas. Como outras palavras que a gente diz quando está brincando ou ouvindo histórias.

E começou a dizer:

- Abre-te sésamo! Salame Míngüe! Marraio! (MACHADO, 1986, p. 10)

A menina deixa claro que certas coisas, por ser na hora da brincadeira, podem acontecer. E que as “regras” em determinadas situações podem ser quebradas, desde que não venha prejudicar ninguém.

O livro pode ser dividido em três fases. A primeira, quando Nita exprime por meio das suas ações nas brincadeiras, o contrário das coisas, inovando. Sendo firme quando os seus amigos contestam, com argumentos que validam as suas escolhas. A segunda, quando resolve sair para experimentar novas experiências, por meio do contato com outros mundos. E a terceira, quando amadurece e entende que deve existir o pode e o não pode. Aprende que conversas e discussões para chegar a um acordo, muitas vezes, é o melhor caminho e que a união faz a força. Que o trabalho nem sempre é doloroso, quando promove uma melhoria de vida das pessoas, tanto qualitativamente quanto quantitativamente. Que cooperar é necessário, pois todos nós precisamos de ajuda e de ajudar aos outros.

Dialogando com Massarani (2009), o enredo da história exemplifica o enredo aventura. Quando Nita sai em busca de novas experiências, para comprovar se todas as pessoas obedecem e são mandadas, se há sempre mandões.

Em um enredo de aventura, o herói sai em busca de uma nova vida e de auto conhecimento, e é esse novo caminho o ponto central da história.

Ao longo da obra, o protagonista encontra diversos outros personagens e enfrenta várias situações que vão moldando uma nova forma de ver o mundo. Ao fim da história, o personagem

principal deve ter sofrido mudanças importantes e realizado reflexões sobre as coisas ao seu redor para que o enredo tenha um maior significado.⁷

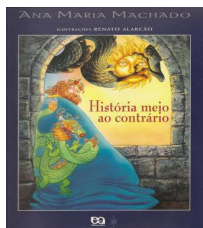
Foi o que aconteceu, quando, ao sair em busca de aventura através do “seu passeio mágico”, a menina encontrou um boneco de pau, Prequeté. O contato com Prequeté e seus irmãos proporcionou vivenciar com eles situações que a levou a enxergar o mundo de outra maneira, sentindo a necessidade de refletir. O mesmo ocorreu, quando a menina conheceu João, Zefa, Mané e todos da sua comunidade. Com eles descobriu o significado de um mutirão, e o que esse processo proporciona aos que dele participam.

Todas as situações experimentadas por Nita trouxeram, para ela e os outros personagens, mudança de comportamento, ao perceberem o outro lado das coisas e se permitirem experimentar. Podemos também identificar nessa história, dialogando com Massarani, o enredo transformação/maturidade. Massarani (2009) afirma que “Grande parte das histórias que tratam primeiramente de conflitos interiores relacionados a mudança de idade e construção da personalidade estão ligadas ao enredo da transformação”. O amadurecimento através de experiências vividas na história Bento-que-bento-é-o-frade, ocorreu com os seguintes personagens: Nita, Lucinha, Zé, Juca, Chico, Prequeté, Procotó, Pracatá, Prucutú e Priquití. Os personagens se transformaram, isso é verificado quando eles mudam as suas posições diante das coisas e reavaliam os conceitos “formados”.

Machado, no final do livro, quando leva Nita ao encontro no Campo com João, Zefa e Mané, oferece a personagem uma vivência diferente, ali a menina aprende com pessoas mais velhas, o verdadeiro significado de cooperação. Retorna para o seu mundo, cheia de novas descobertas, e descobre, ao chegar no seu mundo, as mudanças que ocorreram com os seus amigos. Todos compartilham com ela as suas descobertas, e ela compartilha com todos as aventuras vividas.

3.2- História meio ao contrário (1979): Vamos conhecer a história?

⁷ O artigo Tipos de enredo não possui paginação. Em todas as análises realizadas posteriormente, as citações de Massarani virão sem paginação, pois são originadas do mesmo artigo.



Conta a história de um Rei, uma Rainha, uma Princesa, um Príncipe Encantador, um Gigante, um Camponês, uma Tecelã, uma Pastora, um Ferreiro, um Primeiro Ministro, um Carpinteiro, um Dragão Negro e de todo um Povo. E começa assim: “... E então eles se casaram, tiveram uma filha linda como um raio de sol e viveram felizes para sempre...” (Machado, 2005, p.5). Isso mesmo, começa com o fim, ou melhor, começa com a união de duas pessoas e o nascimento de sua filha.

E como em toda história, o rei e sua família vivem em um castelo, rodeados de riquezas e empregados, nada lhes faltava. Mas uma coisa eles não sabiam, não conheciam a beleza do cair da tarde e os mistérios maravilhosos da noite. Por isso, quando o rei, pela primeira vez, parou para contemplar o final da tarde, foi um alvoroço, entrou gritando no palácio, esbravejando, pois o sol tinha sido roubado. Mandou chamar o primeiro ministro e contou:

- Hoje fiquei contemplando o sol e a tarde, que estavam realmente lindos, por sinal, e justamente no momento de maior beleza, quando mais intenso era o colorido do céu e mais brilhante estavam as nuvens, o dia foi desaparecendo e não conseguir ver quem o roubou. Exijo que o culpado seja punido! Onde já se viu? Roubar minha real luz bem nas minhas reais barbas? (MACHADO, 2005, p.16)

Queria que o ladrão fosse descoberto e devolvesse o dia. O Primeiro Ministro informou que todos os dias isso acontecia, sempre no momento mais belo. Que o Rei não sabia, porque sempre estava dentro do castelo, jantando e ouvindo seus músicos tocarem belas melodias, vivendo feliz para sempre. E, como não queria incomodá-lo com os problemas do povo, resolveu não falar. Então o Rei mandou que acordasse o povo, para conversar com ele e descobrir quem era o ladrão e o Primeiro Ministro tratou de esclarecer que o povo não é apenas uma pessoa: “- O senhor sabe o que é exército, não sabe? Não é uma pessoa. São todos os soldados juntos. Ninguém pode dar uma cutucada no ombro do exército, não é mesmo? Nem do povo...” (MACHADO, 2005, p.19)

Mas o Rei, apesar de ter entendido, ou parecido entender, insistiu que convocassem os representantes do povo. Seu Primeiro Ministro tratou de chamar as arrumadeiras, os mensageiros, os arautos, os cozinheiros, os jardineiros, todas as pessoas que trabalhavam no castelo, uma parte do povo. Ao vê-los reunidos, o Rei assustou-se, não sabia que o povo era tanta gente, mas o Ministro logo tratou de esclarecer que havia muito mais gente. Assim com todos reunidos no pátio depois de um discurso, o Rei ordenou: “- Quero o nome do ladrão.” (Machado, 2005, p.20). Ninguém respondeu, o Rei ficou furioso, não entendia como poderiam proteger o ladrão do dia, o Primeiro Ministro pediu paciência para o Rei e informou que havia espões na multidão e logo saberiam quem era o ladrão do dia.

O Rei ficou sabendo que um monstro, chamado de Dragão Negro, todos os dias roubava o sol e depois que se cansava o devolvia:

É um dragão enorme, maior que a aldeia, o vale e este castelo real. Diariamente ele chega de mansinho e rouba o dia por um tempão, até a hora em que se cansa dele e deixa o sol voltar de novo. É imenso, todo preto de escuridão. Solta pelas narinas uma espécie de fumaça gelada parecida com nuvens e que fica assentada no fundo do vale até que o sol a desmanche de manhã. Quando abre a boca lança fagulhas pequenas que não desaparecem enquanto o dia não volta, ficam brilhando e cintilando na escuridão... (MACHADO, 2005, p.22)

Assim, apavorado ordenou que o monstro fosse morto. E disse que quem conseguisse acabar com o Dragão Negro, casaria com a Princesa.

Com a notícia espalhada, chegou à cidade um Príncipe disposto a acabar com o monstro, não muito interessado em casar com a princesa, mas, sim, em ter uma aventura, derrotando o monstro, pois andava sem fazer nada e essa seria uma boa oportunidade para fazer alguma coisa, não era um Príncipe Encanto, mas era um Príncipe Encantador (foi o que a Pastora pensou quando o conheceu). Ao chegar à cidade, encontrou a Pastora, e com ela conversou um pouco:

- Só para casar com a princesa? - ela foi logo perguntando.

Ele sorriu um sorriso bonito e explicou:

- Nada disso. O principal é não ficar parado. Não tenho nada para fazer o dia inteiro, tudo o que eu quero alguém faz para mim. E adoro me movimentar, andar a cavalo, enfrentar desafios. Quando soube

desse monstro, logo achei que ia ser uma aventura maravilhosa (MACHADO, 2005, p.28)

Quando o Príncipe foi embora, a Pastora se reuniu com seus amigos e tratou de contar a novidade. O Camponês disse que, com a chegada do Príncipe, eles teriam que se unir para defender o amigo Dragão.

O Ferreiro, a Pastora, o Camponês, a Tecelã apoiaram a idéia, pois se não houvesse mais noite, eles iriam trabalhar sem parar, os carneiros não teriam lã, não haveria colheita, o linho e o algodão não cresceriam e roupas não seriam fabricadas. E foram todos a procura de um tal Gigante que poderia ajudá-los nessa luta, para defender o Dragão Negro. O trabalho seria acordar o Gigante que sempre estava dormindo:

Por isso foram. Naquela tarde, a aldeia ficou deserta. Todo mundo saiu das oficinas e das plantações. Foram todos para os montes. E foi até divertido, um passeio bonito pelos risonhos lindos campos cheios de flores e pelos bosques cheios de vida. Todo mundo conversando e cantando. Quando chegaram embaixo dos montes, já eram as costas do gigante deitado. (MACHADO, 2005, p.32)

Todos gritaram juntos, “- Acorda! Acorda! Acorda!” (Machado, 2005, p.32). Depois de muito gritar, o Gigante acordou, não levantou e nem se moveu, mas abriu os olhos. Queria saber que história era aquela de não poder dormir mais em paz. Eles explicaram o que estava acontecendo, e o Gigante do seu corpo de terra fez brotar:

orvalho que evaporou para virar nuvens. E as nuvens choveram água no alto dos montes para engrossar os riachos. E as sementes que os homens plantaram viraram grama e capim, espinhos e mato, árvores e cipós. E toda essa mata produziu flores e frutos que atraíram insetos que atraíram passarinhos que atraíram passarões e animais de pêlo e de pele. (MACHADO, 2005, p.34)

Esse era o plano do Gigante: dificultar a chegada do Príncipe Encantador até o Dragão Negro. Fez em poucos minutos o que o homem e a natureza demoram meses. Quando a tarde começou a cair e a noite deu traços de que estava chegando, todos se prepararam para ver o que ia acontecer.

Mesmo com toda chuva, o riacho cheio, as plantas grandes, os insetos, os pássaros e todos os animais, lá vinha o Príncipe Encantador, com sua armadura, lança, espada e escudo, cheio de coragem e valentia, em direção ao seu rival. Na cavalgada para a batalha, o Príncipe viu por entre as árvores a Pastora, que tinha permanecido ali para assistir ao embate, mas a enxergou com outros olhos.

Pensou que não havia notado como a Pastora era bonita. Foi o clarão que o Dragão Negro emitiu que permitiu que a enxergasse, pois achou que o plano do gigante não estava funcionando bem e lançou uns clarões e raios em direção ao Príncipe. Mas, no momento em que o Príncipe viu a Pastora, não sentiu vontade de mais nada, queria apenas ficar com ela e começaram a conversar.

Mas enquanto conversavam e se olhavam, o tempo passava. O Dragão foi ficando com sono, fechando o olho e se retirando. O sol começa voltar aos poucos, com coloridos parecidos com os do fim da tarde. O céu mudando. Ficando rosa, arroxeadado, laranja, avermelhado. As nuvens de um dourado brilhante. Tudo diferente, fascinante. O sol mais alto a cada instante. (MACHADO, 2005, p.41)

Novamente veio o Rei gritando, esbaforido, dessa vez foi porque haviam roubado o sol branco que brilhava na escuridão. Depois de cansar de gritar, resolveu não matar o Dragão Negro, conheceu a beleza da noite e reconheceu que a noite e o dia não poderiam deixar de existir. Mas disse que manteria a sua palavra e a Princesa e o Príncipe Encantador iriam se casar. Nesse momento, a Princesa se pronunciou:

- Meu real pai, peço desculpas. Mas, se o casamento é meu, quem resolve sou eu. Só caso com quem eu quiser e quando quiser. O Príncipe é muito simpático, valente, tudo isso. Mas nós nunca conversamos direito. E eu ainda quero conhecer o mundo. Até hoje eu nem sabia que sol voltava todo dia tão bonito. Tem muita coisa mais que eu quero saber. Isso de ficar a vida inteira fechada num castelo é muito bonito, mas eu vi que aqui fora, nesses campos e nesses bosques, tem muita coisa mais. Não quero me casar agora." (MACHADO, 2005, p.44)

A Rainha e o Rei tentaram convencê-la, mas de nada adiantou. Ela não queria se casar, e o Príncipe só pensava na Pastora, era com ela que queria ficar. E

assim foi: a Princesa saiu pelo mundo viajando, para conhecer outras pessoas e outros lugares.

A Pastora e o Príncipe viraram namorados. Mas uma coisa ainda a incomodava, tinha que chamar o namorado de Vossa Alteza e isso dava muito trabalho. Então o Gigante os aconselhou “- Vocês se gostam, não é? Querem estar juntos? Então acho que a Pastora deve casar é com o Vaqueiro, assim não precisa dizer Vossa Alteza” (Machado, 2005, p.46).

Foi o que aconteceu, o Príncipe virou Vaqueiro, ficou com a Pastora. E assim a história terminou com “Era uma vez...” (Machado, 2005, p.47).

3.2.1 Em busca do enredo contido

O ambiente de História meio ao contrário é um reino onde o rei não sabe de quase nada. A história começa como normalmente os contos de fadas terminam, a partir do casamento entre um rei e uma rainha e o nascimento de sua filha. Onde vivem felizes para sempre, até que, em um belo dia, o rei perde a hora, contemplando a tarde, e descobre que o dia acaba.

Esse é um rei que não conhece o seu reino, o seu povo e muito menos os fenômenos naturais que ocorrem todos os dias. Até, então, lhe bastava viver trancado no castelo, com todo conforto e beleza. No momento em que se sente lesado, pelo fato de ver a beleza do dia ir embora e não poder continuar contemplando-a, é “apresentado” à realidade do reino que governa. Se surpreendendo a cada descoberta e, de certa maneira, se descobrindo:

- Ah, então isso é problema do povo? O povo sabe do desaparecimento do dia?
 - Sabe, Majestade.
 - Então chame o povo que eu quero conversar com ele. Quero que ele me conte essa história direitinho tintim por tintim...
 - Majestade, a essa hora o povo está dormindo.
 - Acorde, ué... Dê uma cutucadinha no ombro dele e diga que o Rei está chamando.
- O Primeiro-Ministro tinha muita paciência:
- Majestade o povo não é uma pessoa que a gente possa acordar assim.

- Então grita no ouvido dele, liga um despertador, joga água, faz qualquer coisa. Mas diga ao povo para acordar, pular da cama, calçar os sapatos e vir correndo para cá falar comigo. Estou com tanta pressa que ele nem precisa escovar os dentes...

Eu não disse que o Primeiro-Ministro tinha paciência? Ele explicou com muita calma:

- Majestade, o povo não é uma pessoa, porque são muitas.

- Como assim? (MACHADO, 2005, p.18-19)

Machado (2005) escreve o texto, fazendo uma crítica à falta de informação de um governante frente aos acontecimentos da comunidade da qual faz parte, deixa evidente a importância do povo e da sua sabedoria, independente da sua classe social. Descreve os papéis desempenhados por eles, mostrando a sua importância para a sociedade e para a resolução dos problemas que aflige a todos. Discorre com muito encantamento e magia, utiliza uma linguagem “mágica”, que pode ser verificada também na seguinte passagem,

É imenso, todo preto de escuridão. Solta pelas narinas uma espécie de fumaça gelada parecida com nuvens e que fica assentada no fundo do vale até que o sol a desmanche de manhã. Quando abre a boca lança fagulhas pequenas que não desaparecem enquanto o dia não volta, ficam brilhando e cintilando na escuridão... (MACHADO, 2005, p.22)

Ao analisar o texto, na perspectiva da leitura polissêmica (Orlandi, 1996), é percebido que o enredo da obra é desenvolvido trazendo à tona uma nova maneira de escrever um conto de fada, onde rainhas, reis e princesas, por terem se trancado em seu mundo, podem ser ignorantes. A ignorância tratada no texto é uma omissão, omite-se o viver coletivamente e, portanto, reina a falta de troca de informação, o aprendizado proporcionado por essa relação é sanado antes mesmo de acontecer.

Até então, viam-se histórias onde reis e rainhas eram contemplados, e tratados como seres especiais, e os demais eram depreciados pelo simples fato de serem povo. Ana Maria Machado modifica essa visão, apresenta outra forma de escrever sobre reis e rainhas, príncipes e princesas, dragões e gigantes, sem perder o fio da meada, conservando o respeito pelo seu governante, e trazendo a tona o respeito pelos “governados”, a simplicidade, o amor puro sem interesses econômicos (o Príncipe Encantador, vira Vaqueiro e casa com a Pastora e não com a Princesa), a sabedoria de alguém mais velho (nesse caso o Gigante), o medo por

algo desconhecido (à noite, conhecida como Dragão Negro), a beleza do cair da tarde, o despertar da ignorância.

Coelho, ao analisar o enredo da história, discorre muito bem sobre o que está implícito no texto:

Utilizando o estilo irônico, Ana Maria anula a seriedade que era própria das histórias maravilhosas do “era uma vez...”, com reis, rainhas, princesas e príncipes, dragões, gigantes e aventuras que exigem valentia, e acaba com “a felicidade para sempre”. Aqui tudo é alterado (a começar pela desvalorização dessa “felicidade para sempre” que, como sabemos, é um equívoco que precisa ser desfeito...). A seriedade dos acontecimentos se transforma em comédia e também se burla a expectativa do leitor, porque as soluções acabam sendo “ao contrário” do que sucedia nas histórias já conhecidas.

Nesta História Meio ao Contrário, o rei é um tolo que não sabe nada do seu reino; além do mais, não quer tomar banho, diz palavrões, é “burro” pois não percebe as coisas mais naturais e evidentes que ocorrem a sua volta. O Dragão não é dragão: é a “noite” com o “olho” branco da lua. O Príncipe Encantador e Valente não sabe bem por que luta, não vence o Dragão, nem casa com a Princesa (que também não quer casar com ele), mas com a Pastora... e para isso acaba virando Vaqueiro. Como se vê, temos aí o mundo maravilhoso pelo avesso... (2006, p.78-79)

Machado proporciona, através da aventura metafórica de se matar o monstro (à noite), a oportunidade para que aqueles que estão na ignorância, saiam dela. Por meio da experiência vivida, percebam as coisas que os cercam, valorizando-as.

Dialogando com Massarani (2009), posso dizer que História meio ao contrário contém traços de vários enredos, não caracteriza especificamente apenas um tipo. Através do perfil dos personagens e da trama desenvolvida, podemos identificá-lo como: Busca/Resgate; Fuga/Perseguição; Aventura; Transformação/Maturidade.

O enredo da busca é simplesmente um enredo da Jornada do Herói⁸ sem elementos tão grandiosos. O personagem começa em seu mundo ordinário, e após um incidente ou chamado, sai também em uma jornada com objetivo de recuperar ou achar algo específico

⁸ Segundo Massarani “Na Jornada do Herói o personagem principal começa em seu mundo ordinário, vivendo o seu cotidiano. Esse personagem de início parece apenas uma pessoa comum até um incidente o impulsionar para uma viagem ao desconhecido (mundo da escuridão), atrás de algo extremamente importante (objeto ou pessoa)”.

O Príncipe Encantador na história não é o herói, mas sai do seu reino, ao saber que tem um monstro à solta. Vai em busca do monstro para derrotá-lo, pois há muito tempo não acontece nada na sua vida. Encontra neste reino uma vida diferente da qual vivia, passando de Príncipe a Vaqueiro.

O que leva o Príncipe Encantador a ir em busca de algo (no caso da história, o Dragão Negro) é a sua necessidade pessoal de uma aventura. Faz daquele acontecimento seu objetivo, mas não está diretamente envolvido no episódio, pois não faz parte daquele reino.

No fundo, a sua busca não é pelo Dragão Negro, sim por um sentido para a sua vida. Isso é o que encontra, quando conhece a Pastora e se apaixona, deixando de lado o título de Príncipe, se tornando um vaqueiro.

Podemos identificar, nessa mesma análise, o enredo Aventura, que se caracteriza como sendo uma trama em que “o herói sai em busca de uma nova vida e de autoconhecimento, e é esse novo caminho o ponto central da história” (Massarani, 2009). Mas com uma ressalva, a mudança de vida e o autoconhecimento do Príncipe Encantador não são o ponto central dessa história. Esse é um acontecimento que agrega valor ao enredo, se entrelaçando com os outros fatos, para a composição do texto.

O enredo Fuga/Perseguição é descrito na obra em torno do personagem Dragão Negro (à noite). Que é perseguido a mando do Rei, acusado de ser o ladrão do dia. Massarani (2009) descreve esse enredo, “o enredo da fuga geralmente está ligado ao personagem principal ser perseguido por algo ou alguém”.

Por ignorância Real, a noite é perseguida. Na história, ele não sabe que a noite existe e nem como é, por isso é definida como um monstro de um olho só (a lua, é o olho), que solta fagulhas brilhantes (as estrelas). Porém esse episódio é revertido quando ao ficar acordado para ver a batalha do Príncipe contra o Dragão Negro, conhece as belezas da escuridão e desiste da idéia de matar a noite.

Esse episódio possibilita que o rei saia da sua real ignorância, que a Rainha e a Princesa conheçam o que existe fora dos muros dos castelos, que o Príncipe Encantador e a Pastora se apaixonem.

De uma maneira muito coesa, Machado entrelaça o que podemos classificar como enredo Maturidade/Transformação. Isso fica evidente na seguinte passagem do texto:

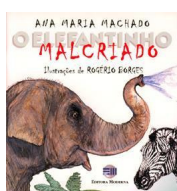
- Meu real pai, peço desculpas. Mas, se o casamento é meu, quem resolve sou eu. Só caso com quem eu quiser e quando quiser. O Príncipe é muito simpático, valente, tudo isso. Mas nós nunca conversamos direito. E eu ainda quero conhecer o mundo. Até hoje eu nem sabia que sol voltava todo dia tão bonito. Tem muita coisa mais que eu quero saber. Isso de ficar a vida inteira fechada num castelo é muito bonito, mas eu vi que aqui fora, nesses campos e nesses bosques, tem muita coisa mais. Não quero me casar agora. (MACHADO, 2005, p.44)

A Princesa sai da sua real ignorância, para uma vida de busca de conhecimento e autoconhecimento. Massarani conceitua o enredo Transformação/Maturidade como:

Quando a transformação está relacionada à maturidade, ela é acompanhada não só de conflitos interiores, mas também de mudanças físicas, e de uma redescoberta do próprio corpo. E a maturidade não vem só na adolescência, ela também está relacionada às crises de meia idade e à chegada da velhice. (MASSARANI, 2009)

Nesse enredo, a transformação e a maturidade são resultados de um processo externo (a mudança do dia pela noite). O conhecimento proporciona o amadurecimento e, conseqüentemente, proporciona a transformação dos personagens. Não como descoberta do corpo, mas como descoberta da vida e do que ela oferece.

3.3- O elefante malcriado (1980): Vamos conhecer a história?



A história conta as malcriações de um elefante bebê. O Elefante vive em um zoológico, muito frequentado por crianças e cheio de outros

animais, lá vivem, patinhos e pavões, macacos, zebras e cobras, lagartos e jacarés, ursinhos e girafas, leões e búfalos, pombinhas e corujas, araras e tucanos.

O elefantinho mora com seus pais, mas faz “birra” o tempo todo, por tudo. Sempre tem que dizer um não para as coisas, mesmo que depois faça:

O pai dizia:

- Não faz isso.

Ele respondia:

- Faço, porque faço, porque faço!

Teimava e fazia mesmo.

A mãe chamava para tomar banho e vir jantar. Você pensa que ele ia? Quase sempre, acabava indo. Mas antes tinha que responder:

- Não vou, não vou e pronto. Se me levar fico bravo. Espalho água por todo canto. E ainda por cima, não janto. (MACHADO, 1986, p. 7)

Tonico, João, Zé, Teresa, Carlinhos e André são crianças que, aos domingos, sempre vão ao zoológico visitar os animais; eles se divertem muito. Mas um belo dia Tonico é pego de surpresa e acaba sendo alvo de uma das malcriações do elefantinho. Imaginem só! O elefante esguichou água por todos os lados, molhando o Tonico todinho.

Ah! Tonico ficou uma fera, contou para todos os seus amigos. E todos os animais e visitantes resolveram isolar o tal elefantinho malcriado. Pois bem, vejam só o que aconteceu:

E no domingo, ninguém foi ver o elefante. As crianças só visitaram outros bichos. A girafa de pescoço comprido. O leão de cabeleira despenteada. Os ursinhos virando cambalhotas. A zebra toda listrada. E a ilha dos macacos, com toda a macacada.

Só se via o trenzinho passando e as crianças gritando:

- Mamãe, olha o búfalo bufando!

- Papai, posso dar pipoca ao jacaré?

Mas perto do elefante ninguém chegava. Nem de trem, nem a pé. (MACHADO, 1986, p. 10).

No começo, o elefantinho fingiu que não ligou, até chegou a afirmar que preferia mesmo que todos não o visitassem, pois não gostava de barulho. Chegou ao fim do dia e sentiu-se triste, em uma solidão sem tamanho, sem amigos.

Continuou triste na segunda-feira, na terça e na quarta-feira. Na quinta, uma pombinha viu o elefante chorando. Cada lágrima enorme e grandona, de elefante.

- Que é que você tem?

- Eu estou triste é por causa do que não tenho. Quero ter amigos. Não vou mais ser malcriado. (MACHADO, 1986, p. 16)

Naquele momento, a pombinha saiu dali e contou para a garça. A garça contou para a tartaruga. A tartaruga contou para o tucano. O tucano contou para o macaco. O macaco contou para a arara. E a Dona Arara contou para todo mundo, anunciando: “- O elefante vai tomar jeito. Resolveu se portar direito.” (Machado, 1986, p.19).

E, no domingo seguinte, foi uma festa. O zoológico estava cheio, todas as crianças ficaram sabendo que o elefante tinha tomado jeito, tinha resolvido: iria ser educado e legal com todos. Como sempre, todos os bichos foram visitados, e para o elefante era uma festa só, uma fila tão grande, tão grande, que parecia uma tromba de elefante.

O elefantinho voltou a ser contente e alegre. Voltou a ter amigos!

3.3.1 Em busca do enredo contido

A história do livro *O elefantinho malcriado* gira em torno do mau comportamento que o elefante bebê tem. Ele não quer nem saber se está sendo grosseiro e mal educado com todos, faz mesmo muita malcriação. Ana Maria Machado construiu a história com uma linguagem sólida, recheada de rimas suaves, mostrando a relação da criança com os animais, levando o leitor (a priori a criança) a se encantar e se envolver com o enredo.

Ao analisar o texto *O elefantinho malcriado*, Machado (1986), na perspectiva da leitura polissêmica, Orlandi (1996), compreendemos que a escritora aborda, implicitamente, a construção da personalidade, quando através das suas ações o elefantinho percebe que está sem amigos e sozinho, e por isso precisa mudar seu comportamento, amadurecendo. A construção da personalidade se inicia na fase

infantil, e é nessa fase que a criança começa a se confrontar e amadurecer. Aprendendo a tomar decisões, refletir, agir de maneira “correta” ou “errada”.

Esse é um tema cotidiano, comum em todas as famílias, pois em algum momento, mesmo a criança mais comportada, tem pelo menos uma vez uma atitude malcriada. E Ana traz isso no livro não como norma para um bom comportamento e muito menos como um manual de ações para que os pais sigam e assim obtenham o resultado desejado. Mas, sim, como um meio de falar sobre o comportamento humano, sem reprimi-lo, ou negá-lo, mas evidenciando que este existe e existirá sempre.

Deixa claro que nada como uma experiência vivida para propiciar o amadurecimento. E que as crianças também as tem, e é através dela que elas crescem e maturam.

Toda Literatura vem imbuída de algum ensinamento, através de conhecimentos explanados, dialogados ou até mesmo prescritos. Acredito que é pela utilização, que definimos qual o rumo que daremos a ela, reprimindo ou expandindo, por meio de uma leitura parafrástica ou polissêmica, reprodutora de significações ou produtora de sentidos.

Ao tomarmos de Massarani (2009) os tipos de enredo que podem constituir narrativas, consideramos que o enredo da história, pelo fato de ser um texto que retrata o mau comportamento como um fator negativo para quem o pratica, provocando a sensação de solidão e angústia, pode ser classificado como enredo Transformação/Maturidade. Pois, através de conflitos interiores, o elefantinho amadurece e percebe que é melhor ser educado e tratar as pessoas com educação e cortesia, para uma convivência amorosa e harmoniosa com todos.

Para abordar essa análise, cito copiado do livro outro trecho do enredo:

Continuou triste na segunda-feira, na terça e na quarta-feira. Na quinta, uma pombinha viu o elefante chorando. Cada lágrima enorme e grandona, de elefante.

- Que é que você tem:

- Eu estou triste é por causa do que não tenho. Quero ter amigos. Não vou mais ser malcriado. (MACHADO, 1986, p. 16)

Através das ações das pessoas (afastamento), o elefantinho desperta para a necessidade de mudança, pois todos o ignoram. E é da necessidade humana relacionar-se, porque ninguém vive sozinho, sem precisar dos outros, de uma palavra de carinho, de uma ajuda, de um momento de alegria. Ana trata dessa característica humana, proporcionando ao leitor um cenário rico, cheio de fantasia, com diversidade de animais, sem perder o foco da história, o comportamento malcriado do elefante.

De uma maneira muito singela, entrelaça os demais personagens, humanos e bichos, em uma só comunicação, em um mesmo cenário, em torno de um personagem. Possibilita que a criança, ao ler a história se sinta o elefantinho malcriado ou identifique em seu meio algum elefantinho malcriado. Entrando e participando da história por meio do seu mundo imaginário. E como diz Anna Claudia Ramos em seu livro *Nos Bastidores do Imaginário* (2006, p. 47) “A criança reelabora e reorganiza seu mundo externo pela brincadeira, pelo encantamento, pela capacidade de alçar vãos imaginários. Pura maravilha.”.

É no imaginário que uma história realmente se faz reconhecida como boa ou não, é pelo imaginário que a criança se identifica com o livro lido e passa a morar nele, trazendo-o para sua realidade, pela fantasia.

3.4- **Bisa Bia Bisa Bel (1982): Vamos conhecer a história?**



O livro *Bisa Bia Bisa Bel* conta a história de uma garota que descobre, através de uma foto, que tem uma bisavó. Isabel é uma menina muito esperta, adora brincar e é muito comunicativa.

Um dia sua mãe resolve fazer uma faxina e encontra numa gaveta uma caixa, dentro da caixa tem um envelope cheio de retratos antigos. Bel fica interessada pelas fotos e começa a vê-las:

A gente ia conversando e olhando os retratos. De repente eu vi um que era a coisa mais fofa que você pode imaginar. Para começar, não era quadrado nem retangular, como os retratos que a gente sempre vê. Era meio redondo, espichado. Oval, mamãe explicou depois, em forma de ovo. E não era colorido nem preto e branco. Era marrom e bege clarinho. Mamãe disse que essa cor de retrato velho chamava sépia. E não ficava solto, que nem essas fotos que a gente tira e depois busca na loja, num álbum pequeno ou dentro de um envelope. Nada disso. Esse retrato oval e sépia ficava preso num cartão duro e cinzento, todo enfeitado de flores e laços de papel mesmo, só que mais alto, como se o papelão estivesse meio inchado naquele lugar – gostoso de ficar passando o dedo por aquele cartão alto. E dentro disso tudo é que estava a fofura maior. Uma menininha linda, de cabelo todo cacheado, vestido claro cheio de fitas e rendas, segurando numa das mãos uma boneca de chapéu e na outra uma espécie de pneu de bicicleta soltinho, sem bicicleta, nem raio, nem pedal, sei lá, uma coisa parecida com um bambolê de metal. (MACHADO, 1990, p.10)

Bel descobriu que aquela fofura de menina, era sua bisavó Beatriz. Ficou impressionada, mas não dava para chamar uma menina daquelas de Beatriz, por isso começou a pensá-la como Bisa Bia. Não resistiu, pediu para sua mãe a deixar ficar com a foto, iria levá-la para que seus amigos conhecessem sua bisa. Sua mãe emprestou a foto, mas recomendou muito cuidado.

Bel levou a foto para a escola, mostrou a todos, inclusive à sua melhor amiga, Adriana, e ao Sérgio, o menino por quem era apaixonada. Ela não conseguia parar de pensar em sua bisa, e resolveu que iria levá-la para todos os lugares. Foi brincar e tratou de colocar a foto no bolso do short, mas não deu, sua bisa não queria entrar, depois de muitas tentativas:

Aí tive a idéia de levantar a frente da camiseta e guardar Bisa Bia lá dentro, presa com o elástico da cintura do short e bem firme dentro da roupa, encostadinha na minha barriga e no meu peito, numa quentura gostosa. (MACHADO, 1990, p. 18)

Brincou, pulou, se acabou e nem lembrou do retrato. Quando em casa foi tomar banho, levou um susto, o retrato não estava mais lá. A explicação que deu à sua mãe foi a de que Bisa Bia estava morando com ela para sempre, estava morando dentro dela. A foto tinha se perdido, mas Bisa Bia tinha ficado colada nela

como uma tatuagem. A partir desse momento, Bisa Bia e a Bisneta Bel passaram a conversar, ficaram amigas.

Bisa Bia passou a participar de todos os momentos de Bel. Mesmo quando a garota não queria ouvi-la, não tinha jeito. Bisa estava dentro dela, as duas compartilhavam momentos, lembranças e opiniões. Bel ensinava para sua bisavó as coisas do seu tempo e Bisa Bia ensinava à bisneta como era no seu tempo.

Assim, as duas dialogam, concordam e discordam. Ensinam e aprendem. Com o tempo, Bel passou a ouvir uma outra voz, muitas vezes bem fraquinha, mas presente:

Fiquei quieta, o coração batendo forte. Ele continuou:

- E você sobe em árvore feito um menino.

Só ouvi a voz de Bisa Bia:

- Viu só? Ele acha você parecida com um menino. Homem na gosta disso. Agora ele fica pensando que você é um moleque igual a ele e vai levar uma goiaba de presente para aquela menininha bem arrumada e penteada que está esperando quieta na calçada... Finge que se machuca, sua boba, assim ele te ajuda. Chora um pouco, para ele cuidar de você...

Eu já ia começar mesmo a fingir – e nem era tão fingido, porque pensar na Marcela me dava de verdade um pouco de vontade de chorar – quando ouvi aquela outra voz, a fraquinha, a mesma que já tinha dito para eu assoviar quando tivesse vontade. Só que agora ela dizia assim:

- Não finge nada. Se ele não gosta de você do jeito que você é, só pode ser porque ele é um bobo e não merece que você goste dele. Fica Firme.

Preferi esse conselho. Não estava entendendo nada dessa nova voz, quem seria? Mas fiquei firme. E encarei o Sérgio, que ia chegando cada vez mais perto de mim.... (MACHADO, 1990, p.34-35)

Mesmo sem saber de quem era aquela voz, que também estava dentro dela, Bel a ouvia, e, como agia com Bisa Bia, às vezes, concordava, às vezes, discordava. Um belo dia numa das conversas entre Bel e sua bisavó, a voz se pronunciou, deixando as duas intrigadas. Dessa vez, a menina não resistiu, queria saber quem era que andava também se metendo na sua vida:

A outra respondeu:

- Sei disso muito bem. Você é que é minha Bisa. Bisa Bel, uma gracinha de menininha de short e tênis, que eu encontrei nos guardados de minha mãe, numa foto velha e mandei fazer uma holografia delta... E ela é sua Bisa Bia, a menininha que também está lá, no retrato que você segura na mão. (MACHADO, 1990, p. 45)

Pronto, Bel tinha presente, passado e futuro ao mesmo tempo. A tal voz era de menina chamada Beta, a bisneta de Bel. Que a encontrou do mesmo modo que a menina encontrou a foto de Bisa Bia. Mas, uma coisa Bel ainda não tinha entendido: como pode ter uma foto segurando a foto de Bisa Bia, se a havia perdido? Esse mistério foi resolvido, quando a professora de história de Bel, a chamou, dizendo que tinham encontrado uma foto perdida e, como ela fazia coleção de fotos antigas, acharam que era dela. Mas Dona Sônia lembrou que Bel havia mostrado a foto na escola, e guardou-a para devolver. Dona Sônia disse ainda que havia tirado foto da classe toda e, como Bel estava doente no dia, iria tirar a foto ali mesmo na sala. Nesse momento, Bel segurava em uma das mãos a foto de Bisa Bia. Portanto, o fato contado por Beta estava explicado.

Um aluno novo que chegou à classe, ao falar da saudade que sentia do seu avô, sugeriu que todos pesquisassem sobre seus antepassados. Dona Sônia aprovou a idéia, e a turma iria preparar sua árvore genealógica, mas com uma diferença. Iria constar passado, presente e futuro. A turma toda se animou com a idéia de conhecer seu passado, falar de seu presente e imaginar o futuro.

3.4.1 Em busca do enredo contido

A história do livro *Bisa Bia Bisa Bel* revela o contraste de gerações, as mudanças físicas e sociais sucedidas, no âmbito de uma mesma família. Os diálogos das bisnetas (Bel e Beta) com suas bisavós (Bia e Bel) mostram as mudanças de valores de uma geração para outra, por um processo social afetado por diferentes aspectos, e como as pessoas se “adequam” à sociedade na qual estão inseridas.

Nesse enredo, Machado revela esses contrastes através de um diálogo interessante, em que as personagens convergem e divergem, sempre respeitando suas opiniões. Por viverem em épocas diferentes, descobrem nas conversas coisas novas. O enredo é desenvolvido a partir de um achado antigo (O retrato de Bisa Bia, ainda menina), retrato que perpassou no tempo, chegando ao presente de Isabel, que vive um presente tão diferente do presente que sua bisavó viveu.

No domingo em que eu disse que ia comer um cachorro-quente e tomar uma vaca-preta, foi um deus-nos-acuda. Foi Mesmo:
- Deus nos acuda, minha filha! Isso lá é coisa que se coma?
Coitadinho do cachorro... (MACHADO, 1990, p.25)

O presente, o passado e o futuro estão em toda a história, por meio do que podemos chamar de “vivência psíquica” (Coelho, 2006, p.86), Isabel imagina sua bisavó e passa a tê-la como companhia, descobre a partir das conversas que tem com Bisa Bia coisas de antigamente e se descobre no seu presente, com suas vivências, descobertas e superações de conflitos interiores e exteriores. Reelabora e elabora significados, reflete e amadurece de maneira espontânea, através de comparações com as coisas de antigamente e com as coisas do presente vivido por ela.

Dialogando com Massarani (2009), o enredo da história caracteriza o enredo Transformação/Maturidade, pois devido às conversas com sua bisavó, Isabel amadurece por meio de diálogo, sempre analisando as suas posições e as posições de Bisa Bia. Sendo coerente com o que acredita, através de argumentos que justificam as suas opiniões: “Não me interessa o seu tempo! Quando é que você vai entender que hoje em dia tudo é muito diferente? Eu sou eu, vivo no meu tempo, e quero fazer tudo que tenho vontade, viver minha vida, sacou, Bisa Bia? Eu sou eu, ouviu?” (Machado, 1990, p.40)

Ainda nessa passagem, podemos também identificar a mudança no uso da linguagem pela autora, com a expressão “sacou”. Traz em outro trecho a evidência de mudança no vestuário “vestida na minha calça desbotada, calçada nos meus tênis, chutando o que encontrava pela frente. Bem moleca mesmo.” (Machado, 1990. P.31). Machado mostra as passagens do tempo, desde as roupas usadas até as expressões utilizadas.

4- ENFIM...

Sinto-me satisfeita e muito honrada pela “conclusão” deste trabalho. Não por julgá-lo bom ou ruim, mas pelos caminhos percorridos, pelas análises amadurecidas e pelos conhecimentos descobertos e re-descobertos. Sendo assim, sigo com as constatações finais e as possíveis respostas para a indagação que norteou a pesquisa: Quais os enredos das histórias escritas por Ana Maria?⁹.

Verifiquei que os enredos Busca/Resgate, Fuga/Perseguição, Aventura, e Transformação/Maturidade estão presentes nas quatro histórias estudadas. Lembrando que utilizei para tal classificação os enredos definidos por Massarani, no artigo “Principais tipos de enredo”.

Os personagens de cada um dos livros assumem características definidas pela tipologia de enredo, estudada por Massarani. Por isso os enredos observados em cada texto partem de início da análise do perfil do personagem principal, exceto História meio ao contrário, que engloba *a priori*, a análise a partir dos personagens secundários, pois, apesar de a identificação do personagem principal, (a noite, intitulada como dragão Negro) os demais personagens possuem papéis de igual importância, para o desenvolvimento da trama.

Bento-que-bento-é-o-frade é arquitetada com enredos: Aventura e Transformação/Maturidade. História meio ao contrário com enredos: Busca/Resgate, Fuga/Perseguição, Aventura e Transformação/Maturidade. O elefantinho malcriado com o enredo: Transformação/Maturidade. Bisa Bia, Bisa Bel com o enredo: Transformação/Maturidade.

Nas histórias, Machado não limita o leitor a apenas uma interpretação, seus textos, seus enredos “desaprisionam” a imaginação da criança, a priori. Ao ter contato com seus livros, com o enredo de cada história, a criança é levada quase que, “imperativamente”, à construção de vários sentidos, pois o imaginário da autora possibilita a entrada de cada criança em um mundo “mágico”.

⁹ O começo do trabalho foi redigido com a minha “história” acerca do contato com a Literatura Infantil, por isso sinto-me a vontade de encerrar registrando a minha impressão acerca do caminho percorrido para a conclusão do mesmo.

Isso é realizado muito bem, quando, na história Bento-que-bento-é-o-frade, uma menina chamada Nita representa aquilo que pregamos para os nossos filhos e alunos: Sejam seres indagadores e reflexivos. Quando no livro História meio ao contrário Machado consegue compor um cenário variado com os seguintes personagens: ignorantes (A família real), lutadores (O povo), omissos (O primeiro-ministro), sábio (O gigante), misterioso (O dragão negro), indefinido (O príncipe encantador), observador (A pastora). Quando na história O elefantinho malcriado retrata as birras de um elefante bebê e seu processo de amadurecimento social e pessoal. E, por fim, quando na história, Bisa Bia Bisa Bel, confronta o imaginário do leitor com as conversas da menina Bel com sua Bisa Bia e Bisneta Beta, e as últimas duas moram dentro de Bel e só existem dentro dela.

Foi também pela perspectiva da leitura trazida por Orlandi, que os enredos foram lidos, analisados e, conseqüentemente, caracterizados. As histórias foram desvendadas, trazendo interpretações das tramas e alguns dos possíveis sentidos, por meio de reflexões que permeiam a leitura parafrástica e, sobretudo, a leitura polissêmica. O jogo foi feito entre a aproximação de uma possível interpretação dada pela autora, reproduzindo um sentido já desvendado e o afastamento de uma única possível significação, divergindo da sua proposição, criando espaço para produção de sentidos.

Esses dois processos, a paráfrase e a polissemia, possibilitam que as histórias tenham sentido (s). Permitir que a criança consiga passar do processo parafrástico para o polissêmico, complexizando o ato de ler, é permitir que os textos lidos possam ter múltiplas faces e que a criança exercite essas leituras de forma a ter possibilidade de fazê-las de maneira atenta e como processo contínuo que levará consigo e assim fará por toda vida. Em todo caso, deixo claro que passar do processo parafrástico não é pulá-lo, pois esse processo também precisa acontecer, visto que é subsídio para se realizar a leitura polissêmica. A depender das circunstâncias, o objetivo da leitura até poderá ser conseguido com uma leitura parafrástica. Ela, talvez, seja necessária, mas jamais suficiente, quando o texto em questão é o literário.

Nesse sentido, retomo palavras de Orlandi (1996) que, assim, afirma:

Podemos chegar assim a uma caracterização geral, dizendo que a leitura parafrástica e a polissêmica não se distinguem de forma estanque, mas gradualmente. Dependendo, entre outros fatos, da distinção de tipos e de níveis de sujeitos, o grau de inferência implicada na leitura pode variar amplamente, desde um ponto mais baixo – o que caracteriza a leitura parafrástica – até o mais alto – o da leitura polissêmica. Afirmamos esta que é bastante compatível com a caracterização que fizemos da leitura como produzida. Isto é, há sempre ação por parte do leitor, ou melhor, a leitura é processo de interação. Logo, mesmo no reconhecimento de sentido (leitura parafrástica) já há inferência. O que pode haver, isso sim, são graus diferentes de inferência (p. 201)

Para isso nós adultos, principalmente os professores, precisamos também conhecer e ter dentro das nossas práticas de leitura esses processos, para assim auxiliarmos nossas crianças, desde cedo, a aprimorar o ato de ler e saber escolher os livros e os autores. Sabendo reconhecer um livro e uma Literatura.

os livros para crianças são especialmente suscetíveis de serem fortemente usados como veículos de mensagens ideológicas, porque as crianças não podem se defender, como já dissemos. Mas também porque, tradicionalmente, esses livros vivem num mundo muito promíscuo, onde são facilmente tocados e molestados por coisas que não podem ser confundidas com literatura. (MACHADO, 1999, p. 37)

São pontos que vêm sendo discutidos na sociedade há muito tempo, e temos literaturas diversas que esclarecem e comunicam muito bem: os processos de leitura; o ato de ler; o livro como produto apenas mercadológico, cheios de besterol para encher a mente de vento... Ana Maria Machado é uma escritora que também trata desses assuntos, por isso seus livros são instigantes, intrigantes, encantadores, que suscitam indagações. As análises das quatro histórias estudadas aqui, representam uma parte da competência e comprometimento que Ana Maria deixa claro para quem conhece sua obra ou parte dela.

“Encerro” esta produção que, na verdade, nada mais é do que o início de possíveis pesquisas e de atuação no espaço profissional, com o olhar mais crítico e consciente do papel social que todos nós, seres humanos, temos e que, principalmente, devemos exercer. E, nesse particular, os enredos das histórias de Ana Maria Machado foram e serão fundamentais: daquele com que escreveu Menina bonita do laço de fita aos que estão por ser inventados!

REFERÊNCIAS:

AULETE, Caldas. **Dicionário Caldas Aulete da Língua Portuguesa**: Edição de bolso. 2 ed. Rio de Janeiro: Lexiton Editora Digital, 2008.

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução e posfácio Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

BELTRÃO, Lícia Maria Freire. **Por que ler Ana Maria Machado**. **Revista da Faced**, Salvador, nº10, P. 301-307, ago. 2006.

CELESTINO, Alessandra Oliveira. **Ana Maria Machado**: os meninos que moram em suas histórias. 2009. 75 f. Trabalho de conclusão de curso (TCC) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**: símbolos – mitos - arquétipos. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. 5 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006

FONTONA, Luciane Soler; SILVA, Odair Luiz. Descobrimo as meninas bonitas dos laços de fitas: uma experiência docente. **Revista de ciências humanas da Unipar**, Akrópolis, v. 13, n. 4, out/dez, 2005. Dispon[ível em: <http://revistas.unipar.br> . Acesso em: 20 maio. 2009.

GUSATTO, Gisely Ana; RADAELLI, Patrícia B. **Monteiro Lobato e Ana Maria Machado**: Convergências possíveis em Narizinho e Isabel. In: VIII Seminário Nacional de Literatura História e Memória. II Simpósio de Pesquisa em Letras da UNIOESTE. Disponível em:http://cacphp.unioeste.br/eventos/seminariolhm/anais/Arquivos/Artigos/Seminario/seminario_releituras_4.pdf. Acesso em: 28 set. 2009.

MACHADO, Ana Maria. **Contracorrente** - conversas sobre leitura e política. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Esta força estranha**: Trajetória de uma autora. São Paulo: Atual, 1996.

_____. **O barbeiro e o coronel**. São Paulo: FTD, 2003.

_____. **Besouro e Prata**. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **Procura-se lobo**. São Paulo: Ática, 2005.

_____. **O elefantinho malcriado**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

_____. Biografia. In site: www.anamariamachado.com Acesso em: 24 mar.2009.

_____. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

- _____. **Bento-que-bento-é-o-frade**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- _____. **Bisa Bia, Bisa Bel**. 8 ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1990.
- _____. **História meio ao contrário**. 25 ed. São Paulo: Ática, 2005.
- _____. **Vamos brincar de escola?**. São Paulo: Salamandra, 2005. (coleção gato escondido)
- _____. **Que lembrança!**. São Paulo: Salamandra, 2004. (coleção gato escondido)
- _____. **Maria fumaça**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1989.
- _____. **Isso ninguém me tira**. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. **De Carta em carta**. São Paulo: Salamandra, 2002.

MANOEL, Marise. Sujeitos da linguagem. **Revista da FAE**, Curitiba, v. 6, n. 1, jan/abr. 2003. Disponível em: <http://www.fae.edu/publicacoes>. Acesso em: 02 jun.2008.

MASSARANI, Sandro. **Criação de Roteiros e Técnicas de Escrita**: Principais tipos de enredo. 2009. Disponível em: <http://massarani.com.br/Rot-Enredos-Roteiro-Cinema.html>. Acesso em: 10 set. 2009.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **A literatura para crianças e jovens no Brasil de ontem e de hoje**: caminhos de ensino. São Paulo: Paulinas, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**. 4 ed. São Paulo: Pontes, 1996.

_____. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1993.

RAMOS, Cláudia Ramos. **Nos bastidores do imaginário**: Criação e literatura infantil e juvenil. São Paulo: DCL, 2006.

.